REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

11.º ANNO — VOLUME XI — N.º 354

21 DE OUTUBRO 1888

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Na segunda feira, 15 do corrente, ás 6 horas da tarde, regressou a Lisboa, depois d'uma ausencia de cerca de trez mezes, Sua Magestade El-Rei D. Luiz.

Sua Magestade partira d'aqui por mar em fins de julho, e depois de ter percorrido a França, Allemanha e Italia, voltou a Lisboa por via de Hespanha.

O acolhimento que em todas as côrtes foi feito ao monarcha portuguez, acolhimento festivo e enthusiastico, mostra bem como são justamente apreciados lá fóra os altos dotes d'espirito e de coração que caracterisam El-Rei D. Luiz, e que lhe dão um logar proeminente entre os soberanos do nosso tempo, que lhe valem um verdadeiro culto na estima e na sympathia de todo o povo portuguez.

O dia do regresso d'El-Rei, foi para o paiz um verdadeiro dia de festa, não de festa official, mas de festa de familia — um dia de dupla alegria, a de ver voltar para junto de nós o illustre e bondoso soberano, e ao mesmo tempo a alegria de o vermos completamente restabelecido da impertinente enfermidade, que tanto o incommodou a elle, e que tanto preoccupou todo o paiz, não como a doença d'um rei, d'um chefe d'estado, mas como a doença que póde pôr em risco os dias preciosos d'um amigo que nos é querido, a quem somos sinceramente affeiçoados.

Felizmente essas tristes preoccupações que já ha mezes andavam muito affastadas de todos os espiritos, desappareceram totalmente, fugiram em debandada, perante a apparencia robusta e sadia com que El-Rei D. Luiz vem da sua viagem, perante o restabelecimento completo e radical que se operou n'esses mezes de viagem.

Sua Magestade a rainha e o sr. infante D. Affonso andam ainda viajando e devem regressar a Lisboa até ao fim d'este mez.

Saudamos El-Rei D. Luiz pelo seu regresso, e congratulamo-n'os com todo o paiz pelo feliz restabelecimento da sua preciosa saude.

Sua Alteza o sr. infante D. Augusto, que ha semanas, como todos souberam, foi atacado por uma pleurisia dupla, que se apresentou com um assustador cortejo de gravissimos symptomas, tem experimentado tambem consideraveis melhoras, e os medicos dão-n'o já como entrado em plena convalescença, o que sinceramente estimamos.

Com a chegada da familia real está quasi a completar-se o regresso á capital de todos os personagens salientes da sociedade lisboeta.

Das praias do norte tem vindo já quasi todas as familias que de Lisboa ali tinham ido a banhos, e apenas a praia de Cascaes demora até mais tarde a sua estação, demora motivada pelo explendido verão d'outomno, que este anno veiu de batedor ao legendario verão de S. Martinho.

N'essa praia que com certeza não é a mais formosa de Portugal, mas que é aquella para onde tradiccionalmente a côrte vae passar a epocha de banhos, tem havido bailes e *soirées* muito animados, e ainda para um dos proximos dias prepara-se um baile em casa do sr. ministro da fazenda, que tambem ali está passando a estação.

Sua Alteza a princeza D. Amelia, que ali tem estado a banhos, adoeceu ha dias com uma bronchite que a obrigou a recolher-se ao quarto, mas que não teve gravidade e de que já está em via de restabelecimento.

Por estes dias Sua Alteza regressará a Lisboa, ao paço de Belem, e esse regresso será o signal de partida para a sociedade elegante que está em Cascaes.

No dia 31 d'este mez, dia dos annos d'El-Rei D. Luiz, já toda a côrte estará em Lisboa; tres dias antes, no dia 28, o theatro de S. Carlos abre as suas portas, e começa a valer a epocha de inverno na capital, a melhor epocha de Lisboa, aquella em que das provincias todos quantos tem dinheiro e bom gosto fogem para cá, ou cá vem dar a sua fugida.

Do que será a epocha de S. Carlos, que se approxima, não é facil nada dizer por emquanto, no momento em que, quasi todos os artistas que constituem o elenco, são novos para Lisboa.

Dos tenores, por exemplo, nada se póde prognosticar; nenhum d'elles tem d'essas reputações famosas que garantem um artista como o Massini, o Gayarre, o Tamagno, o Talazac.

Dizem-nos bem d'alguns, mal d'outros, porque elles são muitos, e entre elles ha um que teve grande nome como barytono.

Entre os baritonos vem um de reputação notavel — o Batistini.

Das primadonas, uma conhecemos nós todos excellentemente, e ha que tempos que temos d'ella grandes saudades — a contralto Giusepina Pasqua, que ha seis annos, se bem nos lembra, tão grandes enthusiasmos causou em Lisboa, e teve a habilidade de resuscitar no pacato S. Carlos de hoje, ella e a De Reské, as luctas e as rivalidades dos tempos tumultuosos da Stoltz e da Novelli.

A Pasqua já n'esse tem-

ANTONIO JOSÉ CRONER — FALLECIDO EM 28 DE SETEMBRO DE 1888

(Segundo uma photographia de Loureiro)

po não era uma estrella no seu alvorescer; talento e arte tinha-os ás mãos cheias, na voz, porém, é que se conhecia um certo cansaço.

Sobre isto passaram-se seis annos, e além d'isso a Pasqua antes de vir para cá ter os seus *successos*, ha de ter um que nós todos desejaremos muito que seja bom.

E por todos estes motivos não se póde muito bem prognosticar o que será a Pasqua este anno em S. Carlos.

Outra é a Paccini, essa notabilissima creança que na epocha finda debutou entre nós com tão excepcional exito.

Regina Paccini, não passou estes mezes de ferias theatraes dormindo sobre os louros colhidos; esteve em França a estudar, a aprimorar os seus formosos dotes naturaes, a ampliar o seu reportorio.

Annuncia-se por um numero limitado de recitas, uma cantora que tem grande nome no mundo lyrico moderno, Van Zandt, a famosa cantora d'opera comica, e que juntamente com Emma Nevada, parece ser a successora natural dos *successos* da Patti.

Da primadona dramatica, a sr.ª Eva Tetrazzini, não sabemos senão que é uma formosa mulher, pelos retratos que já ahi estão em algumas *vitrines*, e que em Madrid teve na epocha finda bom acolhimento.

A epocha está a começar, e então escusamos de estar a fazer castellos no ar, a curar por informações.

Esperemos e depois diremos.

A companhia do theatro de D. Maria regressou do Porto e já inaugurou os seus espectaculos, dando peças do seu reportorio antigo.

A companhia d'actores e actrizes portuguezes, que esteve no Rio, já regressou tambem.

Com esses artistas deu-se um caso singular, e qne mostra claramente a reforma radical de que cerece com urgencia o serviço das quarentenas em Portugal.

Muitos d'esses artistas, á excepção do actor Valle, não estiveram para se sugeitar á quarentena no Lazareto, seguiram no vapor para Vigo, desembarcaram ahi, e estão em Lisboa desde segunda feira 15.

O actor Valle, que não quiz fazer isto, ficou preso no Lazareto até ao dia 21.

Não se conhece nada mais absurdo do que isto!

Se effectivamente ha perigo, como se comprehende que em Vigo se deixe desembarcar toda a gente, e que essa gente se deixe entrar livremente em Portugal; se não ha perigo, para que é essa violencia inaudita da quarentena?

No caso presente, por exemplo, o Valle está no Lazareto até ao dia 21, para não trazer a epidemia para Lisboa; e o Silva Pereira, o Costa, a Barbara, e todos os outros artistas que com elle vieram do Rio de Janeiro, estão em Lisboa desde o dia 15, sem perigo de trazerem a tal epidemia!

Se isto fosse só comico, a gente ria-se; mas é incommodo, é iniquo, ou então é perigoso e urge tomar providencias serias contra esse regimen quarentenario offenbachiano, que se parece muito com a gaiola dos *ratas* da *Gran Via*, emquanto no Lazareto se fecha a porta para os passageiros não sahirem, abre-se a de Vigo para elles entrarem!

No theatro da Trindade deu-se com um bello *successo* de gargalhadas, uma opera burlesca de Hervé—*Os cavalleiros andantes*, accommodada á scena portugueza por Eduardo Garrido, com aquella graça uberrima que elle tem para esse genero de trabalhos.

A peça, a primeira que é ali posta em scena por Augusto de Mello, está ensaiada com o primor e o bom gosto artistico, que logo nos seus primeiros trabalhos pozeram o distincto artista ao lado dos nossos melhores ensaiadores.

Lisboa foi n'estes ultimos dias profundamente impressionada por um tristissimo e desastroso acontecimento.

Um rapaz muito conhecido e estimado em Lisboa, o sr. Gubian Allen, official de fazenda da armada, tendo sido mordido ha cousa de mez e meio por uma cadella que tinha em casa, appareceu accommettido de todos os horrorosos symptomas da hydrophobia, e morreu em torturas terriveis no Hospital da Marinha.

Este caso, como é bem de prever, alvoroçou todos os animos e espalhou por toda a cidade não só sentida consternação, mas tambem um verdadeiro terror.

Ao mesmo tempo diz-se que a cadella — que d'ali a dois dias morreu no hospicio de animaes, na rua do Loureiro—mordera varios cães e varias pessoas, e receia-se a todo o momento que appareçam novas victimas, e até já tem havido suspeitas de symptomas de raiva em algumas pessoas, como por exemplo, n'uma senhora hespanhola, que era das relações do fallecido, e que a estas horas deve estar já em Paris, onde por conselho dos medicos de Lisboa, vae consultar o celebre Pasteur.

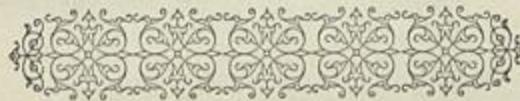
Todos os medicos que viram o sr. Allen e que assistiram aos seus horrorosos accessos de furia são unanimes em classificar de *raiva* a doença que produziu a morte: entretanto, por outro lado, um empregado do hospicio dos animaes, que viu a cadella, affirma e insiste com varias outras pessoas que a cadella não estava damnada.

Contra esse empregado tem-se levantado grandes accusações e move-se contra elle processo judicial, attribuindo-lhe a responsabilidade da morte, por não ter reconhecido a raiva no animal que lhe foi confiado, ter tranquillisado com a affirmativa de que a cadella não estava hydrophoba o pobre rapaz mordido, evitando assim que elle tratasse de prevenir os resultados terriveis da inoculação do *virus* rabbico, fazendo o tratamento conhecido a tempo e horas.

Effectivamente, se os factos se passaram assim, se a cadella estava effectivamente hydrophoba, e o homem affirmou que não estava, cabe-lhe grande responsabilidade moral de certo, mas a sua responsabilidade social e juridica diminue consideravelmente, desapparece mesmo, desde o momento em que o hospicio dos animaes não tem caracter nenhum official, e que qualquer informação dada pelos seus empregados não tem chancella nem auctoridade legal.

Os lobulos cerebraes da infeliz victima d'este desastre foram enviados para o laboratorio de Pasteur afim de, pela analyse, se verificar se effectivamente era a raiva a doença que acommetteu e matou o sr. Gubian Allen.

A camara municipal e a policia, em vista d'este acontecimento, recomeçaram activamente o seu trabalho d'extincção de cães vadios nas ruas da cidade. Achamos que faz muito bem, mas o que achamos muito mal escolhida é a hora para esse trabalho. A camara e a policia tinham obrigação restricta de poupar á população o espetaculo desagradavel do passeio da carroça cheia de cães condemnados á morte, pelas ruas de Lisboa, ás horas de maior movimento, ao meio dia e á uma hora, como ainda hoje, que escrevemos, tivemos o desprazer de ver no largo do Conde Barão. É sina nossa nem os melhores serviços serem feitos sem disparate.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

ANTONIO JOSÉ CRONER

Antonio Croner e Raphael Croner eram *dous in carne una*, dois artistas illuminados pela mesma estrella, dois talentos musicaes que se completavam e que deleitavam com os seus primorosos duetos, dois irmãos que se amavam com todos os affectos do amor fraternal, e com todos os gosos do amor da arte.

Raphael já de ha muito que partiu para a ultima jornada; Antonio partiu agora, depois de prantear tres annos a perda do seu querido irmão, do seu querido companheiro de tantas glorias; — morreu meu irmão, acabaram os nossos duetos, disse elle quando lhe trouxeram a noticia da morte repentina de Raphael, e caiu desmaiado.

Era o primeiro signal de fraqueza que Antonio Croner manifestava, ao vêr-se sem o seu companheiro, que desde a infancia partilhára com elle de todos os seus triumphos artisticos.

Desde esse momento Antonio Croner mudou completamente; a sua alegria communicativa desappareceu encoberta pelo profundo desgosto que aquella morte lhe vasára na alma e no coração. Arrastou difficilmente o seu peregrinar d'estes ultimos tres annos. O moral influiu sensivelmente no physico, e ha cerca de dois annos foi accomettido de um insulto apopletico, que apressou o aniquilamento do grande artista, que já ninguem logrou vêr no seu posto de honra, na orchestra de S. Carlos, nem ouvir os sons maviosos da sua flauta de encantar. O canto de cysne do artista resoára sem que ninguem o notasse, porque não era mais bello que os cantos que já lhe tinham escutado; morrera o artista, ficára apenas o homem alquebrado, frio, vasio da inspiração sublime que fazia cantar a sua flauta privilegiada, arrebatadora.

Era a materia. O espirito, só o sufficiente para durar; a vida findára com as ultimas notas da sua flauta.

*
* *

Antonio José Croner, nasceu em Lisboa a 11 de novembro de 1826. Era filho de José Croner, musico allemão que veiu para Portugal no começo das luctas liberaes e n'ellas tomou parte muito activa, o que lhe valeu a perseguição e a prisão, fallecendo em 1835, e deixando viuva sua mulher D. Anna Croner.

O pequeno Croner encontrou-se, pois, orphão de pae aos 9 annos de edade e com elle seu irmão Raphael, mais novo dois annos, e duas irmãs de tenra edade tambem.

A sua grande vocação para a arte valeu-lhe logo, de pouca idade, o adquirir alguns meios de subsistencia para si e para os seus.

Entrou para a musica do batalhão naval, que então era dirigida por Arthur Reinhardt, e ao mesmo tempo cursava o conservatorio.

Poucos annos depois o talento musical de Croner affirmava-se distinctamente; a sua flauta era ouvida com admiração, e a fama do joven artista ganhava terreno e abria-lhe um futuro de gloria que Croner não desprezou, antes procurou cheio de confiança.

Então já o seu irmão Raphael tambem cultivava a musica e tocava clarinete no batalhão naval. Os dois ajustaram dar alguns concertos publicos, e esses concertos foram incentivo para mais largos vôos, dirigindo as suas vistas para o Brazil.

Assim foram os dois ao Brazil fazerem-se ouvir, e os applausos que lá os acolheram encheram de alegria as suas almas de artistas e de dinheiro as suas bolsas.

A sua primeira viagem ao estrangeiro animou-os a novos commettimentos, e depois de terem regressado do Brazil, fizeram uma outra viagem a Hespanha, França e Inglaterra, onde realisaram concertos no palacio de Crystal de Londres, que mereceram os mais ruidosos applausos do povo londrino e lisongeiras apreciações da imprensa ingleza.

Em 1862 voltou ao Brazil em companhia de seu irmão e depois em 1866, 1872 e 1876. De todas as vezes foram os artistas victoriados, sendo Antonio Croner, assim como seu irmão, agraciados pelo imperador com a cruz da ordem da Rosa, sendo tambem premiado em S. Paulo e em Montevideu com medalhas de merito.

Os dois irmãos Croners adquiriram uma fama quasi universal, pois em todos os paizes que visitaram, deixaram boa memoria dos seus meritos artisticos.

Quando Antonio Croner fez estas viagens, já era primeiro flauta da orchestra de S. Carlos e professor no Conservatorio Real de Lisboa.

Na orchestra de S. Carlos distinguia-se notavelmente entre os professores que, em grande parte a compõem, e mais de um cantor estrangeiro ficou surprehendido ao vir encontrar aqui um musico de tão extraordinaria execução. Sembrich, a notavel cantora, enthusiasmava-se ao ouvil-o acompanhar no *rondó da Lucia*, e dizia francamente, que em parte nenhuma ouvira um flauta comparavel a Croner; mas antes que a eximia artista dissesse isto já o tinham dito quantos ouviram tocar o notavel concertista. As suas variações sobre differentes operas eram extraordinarias, muitas improvisadas, no que Croner mostrava os seus profundos conhecimentos musicos.

Possuia varias flautas que lhe tinham sido presenteadas; conheciamos-lhe uma de prata e outra de chrystal. Croner tinha-as como uma recordação gloriosa, mas não deixava a sua flauta favorita de ebano.

Uma vez que nos acompanhou a Villa Franca, onde iamos passar alguns dias em casa de familia que nos pertencia, pedimos que levasse a flauta. Croner disse-nos que sim, mas depois sahiu-se com um pifaro de folha, d'estes que se vendem nas feiras!

O que elle, porém, conseguiu tocar com este pifaro não é facil dizer, nem imaginar. Nós não tivemos animo para lhe pedir flauta, pediamos-lhe pifaro, porque elle tirava do imperfeito instrumento sons, que muitos tocadores não tiram de boas flautas.

E é este grande artista que a morte, essa lei

innutavel da natureza, nos arrebata deixando uma lacuna difficil de prehencher.

Que ao menos as azas negras da morte não consigam encobrir da memoria dos que ficam, o nome de Antonio Croner, o concertista por excellencia.

C. A.

O NOVO MERCADO GERAL DE GADOS

NO CAMPO GRANDE

Mais um melhoramento importante se acaba de realisar em Lisboa, com a construcção do novo mercado geral de gados, melhoramento levado a effeito pela iniciativa particular de acordo com a camara municipal de Lisboa.

Uma sociedade composta dos srs. Dr. Pereira Lima e Antonio Vito dos Reis e Sousa, director do banco Lusitano, é que levou a effeito o magnifico mercado que reproduzimos em a nossa gravura, e de que faremos uma rapida descripção.

Os terrenos existentes entre o Campo Pequeno e o Campo Grande foram adquiridos pela sociedade, e n'uma area de 200 metros de largura por 100 metros de comprimento, levantadas as construcções do mercado, com uma largueza a que estamos pouco habituados.

Na frente principal do mercado encontramos tres largos portões de ferro, formados por pilares de cantaria, que ligam para os lados com duas cortinas de grades,no limite das quaes ha outros dois portões. Seguem-se depois para cada lado dois pavilhões, de primeiro e segundo pavimento, destinados a secretarias. A estes pavilhões ligam-se duas construcções só de pavimento terreo, para abrigo do gado caprino, lanigero e ovideo. Nos angulos d'esta frente erguem-se dois frontispicios simlilhantes á frontaria dos dois pavilhões, mas sem construcção interior no segundo pavimento.

Aos lados norte e sul, seguem duas construcções de pavimento terreo, que são as abegoarias destinadas ao gado bovino.

Do lado occidental fecham o mercado construcções similhantes á da frente principal, com a differença de ao centro, em vez de portões e grades, haver uma grande cavallariça.

Ao centro do mercado ergue-se o edificio onde se concluem os negocios, denominado bolsa. Consta de dois octogonos, circunscripto e inscripto parallelamente, sendo este coroado por uma grande cupula com seu lanternin.

Este edificio tem a altura maxima de 31 metros e o raio de 20 metros no octogno exterior, e 14 metros no octogno interior. O octogno interior fórma um salão, e o espaço de seis metros comprehendido entre os dois octognos está dividido em gabinetes para uso dos correctores ou negociantes dos gados.

Logo á entrada do mercado e de cada lado d'aquella, vêem-se duas pequenas casas onde estão os fiscaes da alfandega e os da camara municipal.

No recinto do mercado vêem-se ainda uns telheiros para exposições de gado, casa para a installação da luz electrica, dois pequenos pavilhões para *restaurant*, etc.

N'este mercado ha accommodações para, com todos os preceitos hygienicos, se recolherem 1:000 bois, 2:000 ovelhas, carneiros e cabras, 500 porcos e 200 cavallos.

O caminho de ferro de cintura passa junto do mercado onde vae ter um apeadeiro.

A sociedade dispendeu n'esta obra cerca de duzentos contos de reis. O plano primitivo das edificações foi do architecto sr. Parente da Silva, modificado depois pelos sr. Machado de Faria e Maia. O constructor foi o sr. Manuel Maria Ricardo Correia.

Os empregados do mercado são todos uniformisados, desde o guarda livros até aos tratadores do gado. Emfim o novo mer-cado offerece todas as commodidades e garantias para o fim a que se destina, podendo bem considerar-se um edificio luxuoso, perfeitamente moderno.

As vantagens d'este mercado para a boa fiscalisação aduaneira e sanitaria do gado que entra na cidade, são importantes. Desde o dia 1 do corrente, em que o mercado foi inaugurado e principiou a funccionar, que todo o gado que entra na cidade quer seja para abater, quer seja para serviço, tem que primeiro dar entrada no mercado e alli é devidamente inspeccionado.

Todo o gado que der entrada no mercado paga por cabeça 500 réis as especies grandes, pagando as especies pequenas de 200 a 100 réis.

O gado que se conservar no mercado, pagam os seus donos a alimentação diaria, a qual regula para o gado bovino, 120 réis, cavallar e muar 360 réis, caprino e ovideo 20 réis, suino, 80 réis, asinino, garranos, potros, e machegos, 120 réis. A alimentação é sufficiente e n'estes preços inclue-se a limpeza, etc.

Para qualquer animal que adoeça, ha enfermaria no mercado e tratamento veterinario, pagando o dono do animal a despeza.

Este regulamento que extratamos foi determinado pela camara municipal, incorrendo na multa de 2$000 réis os infractores.

Apesar das vantagens que o novo mercado offerece ao publico, é certo que essas vantagens affectam os negociantes de gado, pelo imposto a que se vêem forçados, e isto fez com que os marchantes representassem contra as exigencias do mercado, representação que ainda está pendente. É de esperar, porém, que se façam algumas modificações nos preços que o mercado exige por cada cabeça de gado, reduzindo esses preços a condições que o imposto não venha reflectir-se com usura no consumidor.

Assim poderemos louvar a camara e a sociedade que dotou a cidade com um melhoramento, que embora não fosse exigido por uma necessidade latente, nem por isso deixa de ser um melhoramento publico.

BRAZIL

PONTE 7 DE SETEMBRO EM PERNAMBUCO

Pernambuco, capital da provincia do mesmo nome, é uma cidade explendida do florescente imperio americano, e que desde a independencia do Brazil tem tido consideravel desenvolvimento, attingindo hoje a sua população cerca de duzentos mil habitantes.

A cidade está dividida em tres bairros denominados de Santo Antonio, Boa-Vista e Recife, havendo ainda Olinda, que é a sede episcopal da provincia.

O bairro do Recife, é por assim dizer, uma cidade edificada sobre um recife de grandes proporções, que se encontra á entrada do porto.

Esta pequena cidade é que é a parte mais importante de Pernambuco, porque é o centro de todo o commercio.

A ponte Sete de Setembro, que reproduzimos em a nossa gravura, liga a cidade do Recife com o bairro Santo Antonio; o seu movimento é grande, porque está construida no ponto mais commercial da cidade, onde existem os principaes estabelecimentos e armazens de importação e exportação.

É de construcção elegante e grandiosa. No extremo que assenta no bairro Recife tem um arco denominado da Conceição, e na outra extremidade outro arco denominado de Santo Antonio.

JOSE GUBIAN ALLEN

UMA VICTIMA DA RAIVA

Um acontecimento extremamente lamentavel, veiu sobresaltar Lisboa toda, n'estes ultimos dias, dar assumpto para todos os noticiarios e para todas as conversações; foi um caso de raiva manifestado em um cavalheiro da nossa melhor sociedade, filho de uma familia muito distincta, o sr. José Gubian Allen, official de fazenda da armada.

Felizmente, o pouco vulgar d'estes casos, e as circunstancias que acompanharam este, é que produziu o grande alarme e terror que todos temos presenciado.

O sr. José Allen era a primeira victima de uma serie d'ellas, pois a cadella que o mordêra a elle tinha mordido mais pessoas e d'ahi o esperar-se um maior numero de desgraças.

O caso dera-se na Trafaria, onde o sr. Allen estava a banhos com a sua familia. A cadella que o mordeu na mão esquerda era d'elle mesmo, e varias pessoas que ali se achavam, incluindo crianças, tambem foram mordidas. Isto occorreu a 4 de setembro ultimo.

O sr. Allen, suspeitando da cadella, que aliás era extremamente docil, mandou-a para o hospicio da Sociedade Protectora dos Animaes, onde ficou para ser observada, mas onde lhe disseram que a cadella não estava damnada e que apenas tinha ataques de raiva!

Esta declaração, extremamente ingenua, ainda mais ingenua se tornou quando a cadella morreu passados poucos dias, e o empregado do hospicio voltou a confirmar o que tinha dito, mesmo depois de ter feito, segundo affirmou, autopsia ao animal.

Estas declarações do arvorado veterinario, levaram o socego ao espirito do sr. Allen e das pessoas que com elle tinham sido mordidas, mas mal entendido socego, e mal fundadas declarações, porque se o animal tinha ataques de raiva, era isso o bastante para se tomarem logo todas as precauções, e tantas mais, vendo-se que esses ataques terminaram pela morte do animal.

O que infelizmente é certo, é que o sr. Allen parece que não se preoccupou mais com o caso e quarenta dias depois de ter sido mordido, e poucos depois da cadella ter morrido, principiou a sentir os primeiros symptomas da raiva, pela aversão aos alimentos e á agua, por ataques prolongados de melancholia, acompanhados de dôres no braço em que fôra mordido, seguindo-se depois accessos nervosos que implicavam o intellecto.

Estes primeiros effeitos, que já eram bem pronunciados, trouxeram ao espirito da pobre victima a idéa de que estaria damnado, e então o soffrimento augmentou e proseguiu acceleradamente.

Havia já dias que o sr. Allen não tomava o seu banho habitual e a alimentação era irregular, quando foi jantar a casa de um amigo, onde a presença d'um copo d'agua crystalina incommodou-o a tal ponto, que se retirou para sua casa, e mandou chamar um medico, o sr. dr. Schultz, que não obastante reconhecer um caso de raiva, tranquillisou o doente, dizendo-lhe que as dores eram rheumaticas. Entretanto consultou com alguns collegas sobre o caso, e estes confirmaram as suspeitas do sr. dr. Schultz.

O mal, porém, progrediu rapidamente, e tres dias depois d'isto, 15 do corrente, o infeliz deu entrada no hospital de marinha, por ordem superior, apresentando-se ao director d'aquelle estabelecimento, e dizendo-lhe:

—Venho apresentar-me a V. Ex.ª por ordem do meu commandante, porque dizem que estou damnado.

O que depois se seguiu foi horroroso. Os accessos de furia repetiram-se cada vez mais violentos, sendo preciso vestir-lhe o collete de forças. Nos intervallos serenos inutilmente se tentou ministrar-lhe algum alimento, que aliás pedia para logo o repellir, sem mesmo o chegar á bocca. De uma vez que elle pediu agua, quizeram dar-lh'a sem que elle a visse, por meio de um tubo de borracha, mas mal a sentiu nas guellas, expelliu-a violentamente, e sobreveiu-lhe novo ataque de furia.

Estava completamente confirmada a hydrophobia, consequencia immediata da raiva.

O unico tratamento a fazer era attenuar os effeitos do mal, e foi isso que se fez, applicando-lhe a morphina e o chloral como narcoticos, afim de lhe diminuirem a violencia dos accessos furiosos.

Tentou-se ainda a applicação do nitro, indicado por um facultativo que já deixou a clinica, e que recommendou esta indicação como tendo dado já resultados satisfatorios, mas foi tarde para que podesse produzir effeito.

O sr. dr. Sousa Martins tambem aconselhou fricções mercuriaes, em que tem muita confiança, mas não poderam ser applicadas.

De varios pontos do paiz vieram algumas indicações, receitas de individuos que dizem curar o mal, mas tudo é inutil desde que a raiva se manifesta de um modo tão decidido, em que a sciencia por emquanto não descobriu remedio a oppôr-lhe.

O proprio tratamento de Pausteur, que porventura é o que mais tem adiantado, recua diante de casos d'estes, porque a sua acção é mais preventiva que curativa, só podendo obrar antes que sejam decorridos vinte dias depois da mordedura.

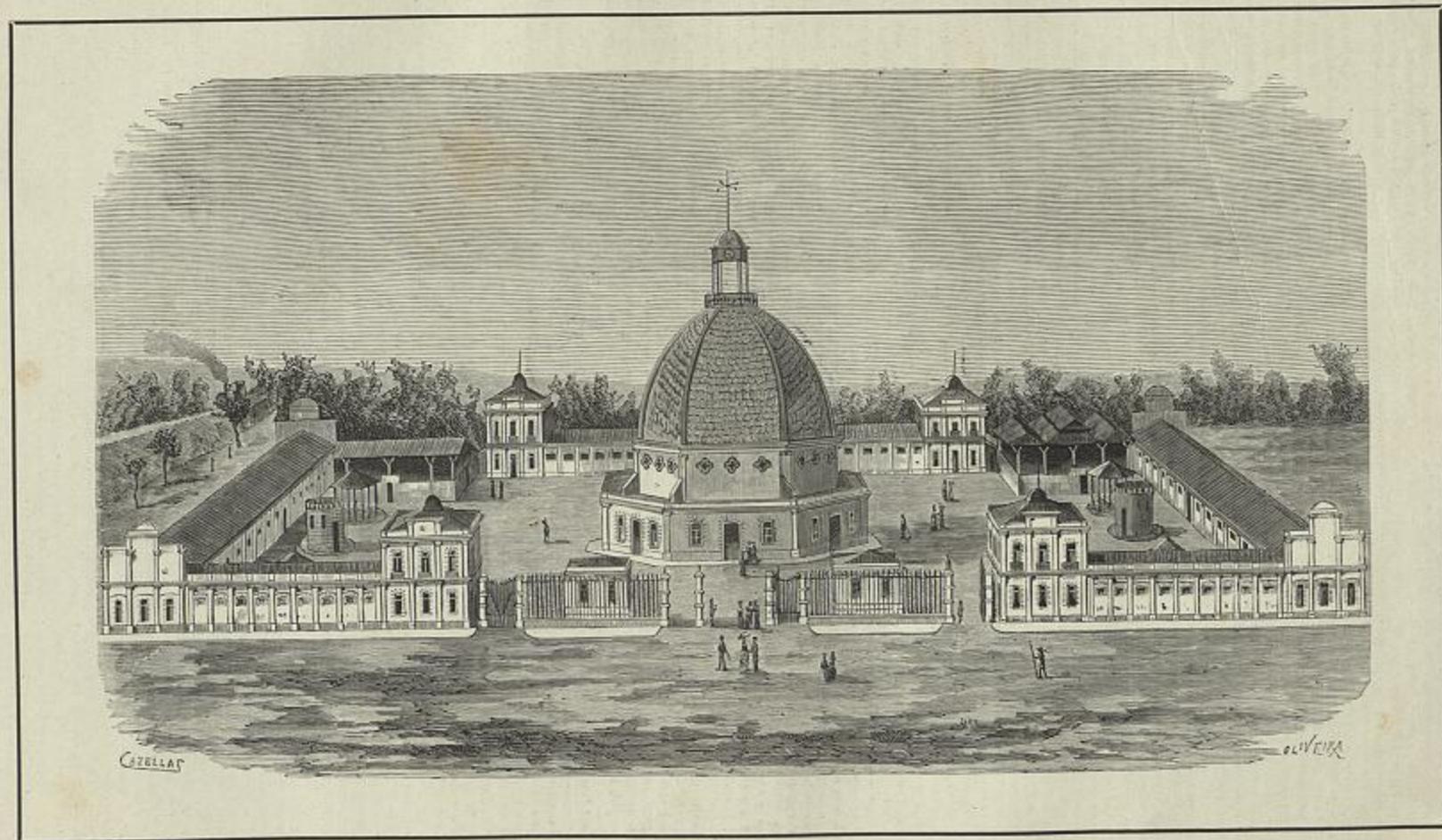
E foi no meio d'esta grande lucta, em que a sciencia se esforçou para salvar o desgraçado, que elle succumbiu ao fim de tres dias de horrivel soffrer, manifestando-se afinal a paralysia, ultima phase da cruel doença, a que poucos atacados chegam, porque morrem quasi sempre asphixiados n'um accesso de raiva.

Esta resistencia do enfermo deve-se naturalmente á sua forte construcção porque José Allen era robusto e estava na força da vida.

A sciencia teve ali um exemplar perfeitissimo do raivado, infelizmente para o desditoso enfermo.

Pelos quarenta minutos depois da meia noite de 18 do corrente, falleceu no Hospital de Marinha o desventurado moço, de que publicamos o retrato a pag.ªˢ 240.

Pela 1 hora da tarde de 18, procedeu o sr. dr. Joyce á abertura do craneo do fallecido para examinar o cerebro, onde logo se viu o derrama-

MELHORAMENTOS DE LISBOA

O NOVO MERCADO DE GADOS, NO CAMPO GRANDE, INAUGURADO NO DIA 1 DO CORRENTE

(Desenho do natural por Casellas)

mento de sangue por toda a massa encephalica e extrahir o bulbo rachidiano que será remettido a Pasteur, como um exemplar muito perfeito para os estudos do sabio chimico francez.

A esta operação assistiram os srs. director do hospital, Alfredo Luiz Lopes, Schultz, Anacleto d'Oliveira, Silva Lima e mais outros facultativos.

José Gubian Allen, filho de Jorge Allen, negociante já fallecido e de D. Joanna Gubian Allen, nasceu no Porto a 7 de maio de 1860.

Teve uma educação esmerada sendo muito instruido em linguas.

Assentou praça, como aspirante interino, no corpo de officiaes de fazenda da armada, em 4 de julho de 1883, aonde se apresentou em 6, embarcando em 7, como adjuncto, na corveta *Estephania*.

Passou a servir no couraçado *Vasco da Gama*, em 21 de dezembro do dito anno, como encarregado de fazenda interino, e em 20 de fevereiro de 1884 passou ao transporte *India*, no qual sahiu para Loanda em 2 do mez seguinte; alli passou em 29 do mesmo mez ao vapor *Vilhena*, e em 23 d'agosto ao deposito da estação naval de Angola para gosar 60 dias de licença arbitrada pela junta militar de saude d'aquella provincia.

Em 13 de novembro apresentou-se a bordo do vapor *Vilhena*, passando depois á corveta *Affonso d'Albuquerque*, e canhoneira *Sado*, desembarcando em 5 d'agosto de 1885, para regressar á metropole, por opinião da junta militar de saude da provincia de S. Thomé, apresentando-se em Lisboa a 17 de setembro a bordo do vapor *Cabo Verde*.

Em 11 de dezembro do mesmo anno embarcou no transporte *Africa*, no qual sahiu para Macau em 15 do dito mez, passando alli, em 27 de fevereiro de 1886 á canhoneira *Tamega*, na qual regressou a Liaboa, em 10 de abril do corrente anno.

Em 11 d'agosto foi promovido a aspirante effectivo do referido corpo, por ter satisfeito bem ás condições do seu alistamento.

José Allen era extremamente alegre e communicativo. Todos que se lhe acercavam uma vez ficavam sendo seus amigos e d'ahi lhe resultava grande convivencia com a melhor sociedade lisbonense.

Estremecia sua mãe e uma irmã, a sr.ª D. Ermelinda Allen, que lhe pagavam com egual affecto.

Allen com as habilitações litterarias que tinha e com o bello caracter de que era dotado, tinha diante de si um futuro auspicioso, que o inesperado accidente de que foi victima transformou em luto e lagrimas para a sua familia.

Terminando, diremos ainda, que até á data em que escrevemos estas linhas, apenas uma pessoa que tinha relações muito intimas com José Allen foi para Paris consultar Pasteur, por se julgar tambem atacada de raiva, mas não se sabe ainda o resultado.

Das mais pessoas mordidas pela cadella, incluindo o enfermeiro do hospicio da Sociedade Protectora dos Animaes, hospicio que a auctoridade já mandou fechar por incapaz, não consta que se lhes revelasse nenhum symptoma de raiva.

Que Deus permitta não tenhamos mais desgraças a lamentar.

A proposito d'este doloroso acontecimento, nada mais opportuno nem mais novo do que o capitulo sobre *inoculações anti-rabicas*, methodo Pasteur, publicado agora em um livro dos distinctos drs. Cunha Bellem e Guilherme Ennes, medicos de brigada do exercito portuguez, e delegados de Portugal no congresso de hygiene de Vienna d'Austria, o qual apenas se distribue n'esta hora, e onde os resultados d'aquelle methodo estão expostos á sua verdadeira luz tal como os affirmaram o ultimo congresso d'hygiene de Vienna d'Austria, e tambem a commissão ingleza que os estudou, sendo d'ambas estas corporações, tão conceituadas em sciencia, unanimes os votos de confiança e adhesão aquella maravilhosa obra do insigne Pasteur. Esse capitulo tão interessante e que tão bem dá a noção exacta da sciencia sobre este momentoso assumpto, será publicado no nosso proximo numero.

EXPULSÃO DOS JESUITAS

DE

PORTUGAL, BRAZIL, MADEIRA, AÇORES, ASIA E AFRICA

(Continuado do n.º 350)

Na volta do Fayal João da Costa de Brito chegou ao porto de Angra em uma quinta feira, 13 do dito mez. A nau fundeou fóra de pontas, e salvou, sendo correspondida pelo castello. Veiu logo a terra o conde de S. Vicente que se dirigiu para o castello em companhia do corregedor Henrique Henriques Quaresma de Almeida. E pelo dia adeante nada mais constou.

Mas, por ser vespera da Senhora da Boa Morte, que se festejava com grande pompa no Collegio de Angra, houve á noite como de costume, lausperenne, procissão e predica feita pelo reitor. Tornou-se muito reparado, n'essa occasião, que elle mettesse as vélas da sua eloquencia, clamando fortemente contra a injustiça dos que governavam e dos grandes para com os pequenos e desvalidos da fortuna, e adduzindo diversos textos dos Santos Padres para persuadir os seus ouvintes da excellencia do premio que aguarda na bemaventurança todos os que soffrem com verdadeira e santa resignação os males d'esta vida, as calumnias e perseguições por amor da justiça. «Tudo isto expoz o orador por tal e tão desusado modo, em termos tão expressivos que não houve pessoa dentro da egreja que não se debulhasse em lagrimas.» Ferreira Drummond, que isto conta, observa ainda quanto era manifesto que o orador «tinha uma chaga incuravel que só este desafogo lhe podia fazer menos sensivel.» Bem se vê que os jesuitas sabiam já que iam ser expulsos do Collegio e levados para bordo da nau. E não podiam ignoral o, já porque havia quasi anno e meio que chegára á ilha a noticia do attentado de 3 de setembro de 1758, e conseguintemente a do sequestro nos bens da Companhia e a do cerco posto a todas suas ca-

BRAZIL — PONTE SETE DE SETEMBRO, EM PERNAMBUCO (Segundo uma photographia)

sas no continente do reino,[1] já porque tendo occorrido, havia então quasi um anno, os primeiros embarques de jesuitas em Lisboa, não é crivel que em tão largo espaço o conhecimento d'esse facto não tivesse chegado á ilha e, sem nenhuma duvida, aos jesuitas.

Apesar d'essa arrogante provocação deitada do pulpito abaixo, correu a noite na maior tranquillidade. Só no outro dia se tomaram precauções militares, e apenas terminou a festa foram ainda dentro da egreja intimados os jesuitas para logo embarcarem na nau *Nossa Senhora da Natividade*. Obedeceram sem detença, recitando o psalmo *In exitu Israel de Ægypto*. Sairam encorporados em numero de doze, tantos como tinham para lá ido a primeira vez no reinado de D. João III.[2]

Os padres da Companhia eram muito estimados na Terceira, terra de muitas devoções, e por isso nada admira que fossem até o caes entre soluços e expressões de magoa de toda a população da cidade de Angra.

Era a segunda vez que expulsavam os jesuitas da Terceira. A primeira fôra em outubro de 1582, quando o prior do Crato (que, aliás, apenas desembarcára na Terceira, deu ordem para elles serem desentaipados) mandou «prender os ditos padres em um navio que estava no porto... — Os padres da Companhia, em numero de dez... chegaram ao porto de Antona em Inglaterra [3]»

Merece-nos mui pouco credito a narrativa, feita por Drummond, da expulsão dos jesuitas da Terceira. Seguimol-a, todavia, não só por elle affirmar (t. II, pag. 286, nota) que as noções d'esse successo lhe foram «transmittidas por algumas pessoas antigas e com mais discernimento pelo padre prégador Fr. Antonio da Annunciada, octogenario, que vivia no seu convento da villa da Praia pelos annos de 1816, e tinha aprendido com os jesuitas», como, e principalmente, por falta de um documento official que a dê por falsa, como succede, relativamente á expulsão dos jesuitas do Fayal, com a obra do sr. Silveira Macedo, *Historia das quatro ilhas que formam o districto da Horta*, publicada em 1871 (t. I, pag. 242) e com o supracitado *auto de entrega* d'aquelles padres ao conde de S. Vicente, que destroe pela base a narração do mesmo facto, escripta pelo sr. Silveira Macedo.

O auctor da *Historia das quatro ilhas*, da mesma sorte que Ferreira Drummond, dá o embarque dos jesuitas feito de dia, e a este respeito escreve o seguinte: — «... no dia 14 de agosto de 1760 [4] (n'uma quinta feira) entrou na bahia da Horta a nau *Nossa Senhora da Natividade*, commandada por João da Costa de Brito, sobre cuja vinda se começou a fazer diversos juizos; e, posto que se ignorava a sua verdadeira causa, corria comtudo entre o povo um rumor incerto que costuma ser precursor de acontecimentos extraordinarios.

«Celebraram então os padres jesuitas n'esta tarde solemnes vesperas, á noite matinas, e no dia seguinte missa com sermão, com o Santissimo Sacramento exposto, que n'estes tres dias se conservára patente em lausperenne, em memoria da boa morte e gloriosa assumpção de Nossa Senhora, e de tarde houve procissão e complemento da solemnidade.

«Apenas, porém, terminada a funcção, achava-se a egreja, convento e cerca rodeada de tropa, em virtude de uma ordem confidencial que o governador tinha recebido (documento n.º 80), e foram os padres intimados para embarcar na nau, sem se lhes permittir ao menos o irem ás suas cellas, o que cumpriram, saindo incorporados, levando apenas o seu breviario, entoando o psalmo *In exitu Israel de Ægypto*.»

Ora, o auto de entrega, estampado em 1878 no *Archivo dos Açores*, começa por estas palavras: «Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1760, *sendo das duas para as tres horas depois da meia noite...*»; e o documento n.º 80, transcripto a pag. 498, é a carta régia de 4 de julho de 1760, dirigida ao governador da ilha do Fayal, que não falla em cercar a egreja, convento e cerca, como diz o sr. Silveira Macedo, mas sim determina que todos os jesuitas «sejam embarcados na mesma nau de guerra, *o que fareis executar de noite*, por evitar escandalo, sem que se lhes possa permittir a menor communicação com pessoa alguma.» E foi isto exactamente o que se praticou, como se mostra do citado *auto de entrega*.

Agora, com relação ao embarque dos jesuitas da ilha Terceira, seria realmente cousa extraordinaria que só ali os jesuitas fossem embarcados de dia, contrariamente ás ordens repetidas e terminantes do conde de Oeiras para em toda a parte e sempre os padres da Companhia de Jesus evacuarem de noite as suas casas, pela já sabida razão de «evitar maior escandalo do que tem dado aos fieis vassallos de sua magestade.»

Na Madeira, segundo affirma o sr. Rodrigues de Azevedo, annotador das *Saudades da Terra*, do dr. Gaspar Fructuoso, havia 11 padres jesuitas. A relação d'elles encontra-se na primeira folha dos autos do sequestro feito em 1759: José Cordeiro, vice-reitor, e Joaquim da Cunha Miranda, Jeronymo da Gama, Pedro Theodor, Ricardo Berni, Manoel de Aguiar, José Salgueiro, Antonio de Carvalho, Antonio do Valle, José Marques e Filippe de Araujo, dois irmãos, José Leite e Filippe Semedo, e seis irmãos coadjutores: Antonio Xavier, Manoel de Mesquita, Manoel Rodrigues Pedro dos Santos, Antonio de Andrade, e Antonio de Meyrelles. Ao todo dezenove.

Cada um dos padres tinha mais de um conto de réis de rendimento. «Não é por isso de admirar — acrescenta o sr. Rodrigues de Azevedo — que tivessem, como da mesma folha inicial dos ditos autos consta, só no collegio da cidade *treze* moços e *tres* escravos, isto é, quasi tantos servos quantos amos. E dos servos *dois* eram *forneiros* e *dois cosinheiros*, o que mostra não ser pequena a uxaria. Para a porta dos pobres tinham só um rapaz.»[1]

Resta dizer que o embarque dos jesuitas, tanto no Funchal, como em Ponta Delgada, se fez do mesmo modo que nas outras ilhas.

(Conclue.) *Alberto Telles.*

[1] *Terceira plausivel ou relação do applauso com que foi ouvida e festejada na ilha Terceira a noticia da restauração da saude do nosso augusto monarcha D. José I* — Lisboa, 1759 em que se lê o seguinte: — «Perseveravam os que vivem n'esta ilha sempre tristes até o dia 5 de março de 1759, em que na cidade de Angra, sua capital, se recebeu a alegre noticia da suspirada melhoria de s. m. f., e causou um inexplicavel e geral contentamento em todos.» — *Annaes da ilha Terceira*, t. II, pag. 280: — «Chegou no dia 25 de março (1759) noticia official de se achar el-rei livre do perigo a que o expuzeram as feridas recebidas em a noite de 3 de setembro do anno passado.»

[2] «...o Collegio dos padres da Santa Companhia de Jesus que veiu fundar, e foi seu primeiro reitor, o padre Luiz de Vasconcellos, neto do conde de Penella, com 12 padres mais em sua companhia, trouxe o anno de 1570, desembarcou na cidade de Angra o 1.º de junho do dito anno.» — *Espelho chrystalino em jardim de varias flores*, por fr. Diogo das Chagas ms. 2.ª p. c. 8, art.º 2, fs. 227.

[3] Annaes da ilha Terceira, t. I, pg. 206.

[4] É menos exacta esta data, porque o embarque dos jesuitas na Horta fez-se, como vimos, na noite de 1 de agosto.

[1] *As Saudades da Terra*, pelo dr. Gaspar Fructuoso, notas, pag. 754.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

IX

A ovação prolongava-se, prolongava-se de mais até, e o Dominguinhos já não sabia como agradecer nem como curvar-se, e começava a azoar com tantos applausos. E a menina Alice muito vermelha, com um sorriso sarcastico a brincar-lhe nos labios, não afrouxava no seu enthusiasmo, e com as mãos já quasi a escorrer sangue, continuava a palmear com furia.

A Ignacinha muito orgulhosa com aquella imponente manifestação de sympathia pelo seu novo namorado, secundava a Alice com todas as suas forças, e, apesar de ter as palmas das mãos já quasi a escaldar, continuava a applaudir denodadamente, corajosamente, sem por sonhos pensar que estava servindo tão dedicada e tolamente os planos vingativos da sua rival.

Por fim, como as outras pessoas que estavam na sala não tinham para magoarem as mãos as mesmas razões que assistiam á Alice e á Ignacinha, as palmas foram diminuindo, e apenas ás palmadas energicas das duas respondiam por comprazer, já sem vontade nenhuma, unicamente por dever de donos de casa as palmas muito chôchas do sr. Leitão e da sua esposa.

Então algumas vozes começaram a gritar:

— Schiu! schiu!

O Dominguinhos aproveitou esses gritos ordeiros para, n'uma pantomima expressiva, mostrar o seu reconhecimento ao respeitavel auditorio, mas ao mesmo tempo a impossibilidade em que estava de principiar, de se fazer ouvir, emquanto na sala reinasse aquelle barulho.

E essa pantomima expressiva e grata, dando razão aos *schius!* fel-os redobrar de força, e em breve dominarem as palmas.

O silencio fez-se finalmente.

O Dominguinhos olhou para um lado e para o outro e avançou até á cadeira.

E abrindo a bocca ia começar a fallar.

N'isto o silencio foi cortado por um ruidoso e prolongado *schiu!*

Era a Alice que tendo que recolher as palmas tomára o seu partido.

O Dominguinhos fez-se muito vermelho, e tornou a fechar a bocca.

No auditorio estouraram algumas gargalhadas, suffocadas logo immediatamente pelas conveniencias sociaes.

A D. Ephigenia poz-se em pé e olhou para a Alice, que, imperturbavel, com uma grande seriedade, olhava attenta para o recitador, como que á espera de beber as suas palavras.

Diante d'essa attitude extremamente correcta, a D. Ephigenia não achou nada que dizer áquella que tão desastradamente cortára a palavra ao seu filho.

Contentou-se pois em lançar-lhe um olhar irado, terrivel, dizendo ao mesmo tempo, do seu logar, em voz alta, imperiosa, cheia de provações:

— Principia, Dominguinhos.

E o Dominguinhos principiou.

X

— Minhas senhoras e meus senhores, começou elle em voz vibrante, ampla, sonora nas notas médias, mas que quando subia se esganiçava comicamente, na oitava, alta em vozinha de cebolão. Cumpre-me antes de erguer a minha debil voz perante este illustre auditorio...

E estacou.

Tirou da algibeira um lenço e passou o pela testa, que começava a estar banhada em suor.

Olhou para a sala, olhou para a cadeira, olhou para o tecto e concentrou-se um bocado.

Esse bocado ia-se prolongando. A D. Ephigenia remexia-se inquieta na cadeira; a Ignacinha mordia os beiços, e a Alice debruçava-se como que muito interessada á espera do que havia de vir, com um ar muito ingenuo, muito serio, que trasbordava de troça.

— Antes de erguer a minha debil voz, repetiu por fim o Dominguinhos cobrando alento, perante este illustre auditorio, cumpre-me... cumpre-me... ao erguer a debil voz perante este illustre auditorio...

E esbarrou de novo no auditorio.

— Ai que elle entontece! disse muito simploriamente a Alice para o sr. Barradas, de modo a ser ouvida pelo recitador. Está a andar á roda!

O Quim riu á sucapa, e as meninas que estavam proximas festejaram com risadinhas o dito da Alice.

O Dominguinhos fez-se vermelho pela segunda vez e arremetteu denodadamente:

— D'este illustre auditorio que me ouve, agradecer as provas de sympathia, de estima, de amizade, com que... com que saudaram a minha... com que saudaram o meu... com que saudaram a... o...

E pegou-se novamente no o... e no a...

A menina Alice, a quem a vingança dava certo espirito, segredou ao Quim Barradas na tal meia voz quo toda a gente ouvia:

— Não vae sem metter dianteiras!

O Dominguinhos empallideceu como um defuncto, deitou á sua ex-namorada um olhar que a teria estendida morta no chão se olhares matassem, e começou n'outro tom a desculpar-se:

— Eu não posso conti...

Mas um signal negativo da Ignacinha fel-o cortar a phrase em meio.

E cahiu em si.

A sua idéa era dar parte de doente, como n'um exame, e sahir por essa porta falsa d'aquella posição que tão falsa estava sendo.

Mas o signal da Ignacinha, signal feito com toda a energia d'uma ordem, fizera-lhe de repente sentir todo o ridiculo que haveria na sua desistencia, o triumpho que ella causaria a Alice, a gloria que isso lhe daria.

E n'um momento comprehendeu que devia ser senhor de si, não dar o braço a torcer, e sahir triumphante da sua prova.

Demais a mais isso não lhe era difficil.

A tolice que elle fizera fôra metter-se a fazer exordio á descripção do incendio, que tantos louvores lhe merecera em toda a parte, a começar pelo lyceu de Lisboa.

Mas já agora que se tinha mettido n'aquella camisa de onze varas, o necessario era sahir désse por onde désse, e enfiar logo pelo incendio.

E, forte com o triumpho que alli o esperava, forte com os olhares animadores da Ignacinha, pela quarta vez o Dominguinhos investiu com o assumpto:

—As provas de sympathia com que saudaram o meu apparecimento n'este logar. Conscio dos meus merecimentos insignificantes... conscio da minha pequenez intellectual, conscio da minha escassa... da minha escassez... da minha escassidão...

E novamente o Dominguinhos, que tão contente se agarrára ao *conscio* que lhe tinha vindo aos labios, achando-o palavra muito bonita para discurso ameno, emperrou na sua oração.

E d'esta vez emperrou deveras.

«Escassa... escassez... escassidão» e d'ahi não sahia nem á mão de Deus Padre.

Por mais que procurasse coordenar as idéas não o conseguia.

Na sala havia esse silencio profundo que paira no primeiro momento sobre os grandes *fiascos*.

O Dominguinhos fazia-se de côres, revirava os olhos como um convulsionado, e suava em bica como se o mais caustico sol de julho dardejasse sobre elle os seus raios mais ardentes.

A sua posição era tão triste, que a vingativa Alice chegou a ter dó d'elle e não se atreveu a interromper com nenhum ditinho o silencio que se fizera.

Interrompeu-o, porém, a voz do sr. Leitão, que, acordando d'uma das suas somnecas, vendo todos calados e ignorando do que se tratava, julgando que o filho do Pereira tinha acabado ha que tempos a tal descripção do Incendio, disse para a sua mulher, muito naturalmente, n'um tom que foi ouvido por todos:

—Ó menina, é melhor mandares servir o chá!

Calcula-se facilmente o effeito extraordinario que esta phrase do sr. Leitão produziu na sala.

As gargalhadas estouraram expontaneas de todas as boccas, e a srª. Leitão, fazendo-se muito encarnada, disse ao marido.

—Cala a bocca, está a recitar o Dominguinhos.

—Ah! exclamou o Leitão muito corrido.

E para disfarçar a sua indelicadeza, perguntou muito amavel á srª. D. Ephigenia, para lhe fazer a bocca doce:

—Então foi n'isto que elle saiu approvado com louvor?

Se a primeira phrase tinha feito effeito, esta teve um successo de gargalhada como qualquer dos melhores ditos de Labiche.

(Continúa) *Gervasio Lobato.*

O ESCARAVELHO DE OURO

CONTO DE EDGAR POE

(Continuado do n.º 351)

Teria decorrido um mez depois da minha ultima visita a Legrand (e durante este tempo nada soube d'elle) quando fui procurado em Charleston pelo seu creado, Jupiter. Nunca vira tão abatido o bom velho preto, e receei que houvesse succedido alguma desgraça séria ao meu amigo.

«Por aqui, Jup! disse eu; que ha de novo? Como está o teu amo?

«A falar a verdade, senhor moço, não está tão bem como devia estar.

«Não está bem! Contrista-me deveras ouvir isso. De que se queixa?

«Ahi é que me doe! Elle nunca se queixa de nada, mas elle está muito doente.

«*Muito* doente, Jupiter! porque não disseste isso logo? Está de cama?

«Não, senhor! não foi á cama. Não está bem em parte nenhuma... e é o que me faz scismar; estou com muito cuidado no meu pobre amo.

«Não percebo bem, Jupiter. Tu dizes que o teu amo está doente. Elle não te explicou o que tem?

«É uma cousa para fazer andar a cabeça á roda! O senhor moço diz que não tem nada, absolutamente nada! Mas então porque é que elle anda de aqui para alli, sempre pensativo, curvado, com a cabeça baixa, com os olhos no chão e branco como um ganso? E sempre, sempre a fazer cifras...

«A fazer o que, Jupiter?

«A fazer cifras com figuras n'uma pedra; as figuras mais exquisitas que tenho visto. Começo a andar assustado, digo-lh'o eu. E' necessario estar sempre com os olhos em cima d'elle. No outro dia levantou-se antes de amanhecer e andou por fóra todo o dia. Eu arranjei um bom cacete para lhe dar uma tunda quando elle voltasse; mas sou tão asno, que não tive animo para isso; entrou tão apouquentado, tão triste...

«Hein? O que? Ah! sim... andaste muito melhor em ser indulgente com o pobre moço. Nada de castigos, Jupiter. Elle não póde com isso. Mas não podes de maneira nenhuma descobrir a causa d'essa doença, ou antes d'essa mudança de proceder? Succeder-lhe-hia alguma cousa depois que estive com elle?

«Não, senhor; *depois* d'isso não lhe succedeu nada: *antes*, sim; no mesmo dia em que lá esteve.

«Que queres dizer com isso?

«Quero dizer que foi o escaravelho e nada mais.

«O que?

«O escaravelho: tenho toda a certeza que amo Will foi mordido em alguma parte da cabeça por esse escaravelho de ouro.

«E que razão tens para suppor isso?

«Elle tem unhas, senhor, e tambem tem bocca. Eu nunca vi um escaravelho tão endiabrado; agarra e morde tudo o que se chega a elle. Amo Will apanhou-o mas largou-o logo, digo-lh'o eu. E foi sem duvida porque lhe ferrou o dente. Não me agrada nada a figura e a bocca do tal escaravelho. Eu tambem lhe quiz deitar os dedos, mas foi com um pedaço de papel que achei, está claro. lhe peguei e enchi-lhe a bocca de papel, está claro.

«Pensas então que o teu amo foi realmente mordido pelo escaravelho e que essa mordedura lhe causou a doença.

«Eu não penso nada, bem sei. Mas porque está elle sempre a sonhar com ouro, se o escaravelho de ouro não o mordeu? Eu já tenho ouvido falar d'estes escaravelhos de ouro.

«Mas como sabes tu que elle sonha com ouro?

«Como sei? porque fala n'isso até a dormir... e aqui está porque eu o sei.

«Talvez tenhas razão, Jupiter; mas a que feliz acaso devo eu a honra da tua visita?

«Que quer o senhor dizer com isso?

«Trazes-me algum recado do sr. Legrand?

«Não senhor, trago-lhe esta carta; e dizendo isto, Jupiter entregou me a missiva, que rezava assim:

«Meu amigo:

«Porque não tenho o gosto de o ver ha tanto tempo? Não o julgo tão creança que tomasse como offensa uma simples *brusquerie* da minha parte; com certeza não foi isso.

«Ando muito inquieto desde que me não appareceu. Tenho alguma cousa que dizer-lhe; mas não sei como lh'a hei de dizer, nem sei mesmo se lh'a direi.

«Não tenho passado muito bem ha alguns dias, e o pobre velho Jupiter enfastia-me deveras com as suas boas intenções e attenções. Quer crel-o, meu amigo? o outro dia tinha preparado um grande cacete para castigar-me por eu me haver safado de casa e ter andado todo o dia *solus*, por entre as collinas na terra firme. Salvou-me da sova, creio eu, o meu ar acabrunhado e triste.

«Nada tenho ajuntado á minha collecção desde que não nos vemos.

«Se lhe não causa incommodo, venha até aqui com o Jupiter. *Venha*, sim? Preciso estar com o meu amigo *esta noite* para um negocio de importancia. Affirmo-lhe que é da *mais alta* importancia.

sempre seu

«*William Legrand*»

Havia no tom d'esta carta alguma cousa que me causou grande inquietação. O estylo em geral differia essencialmente do de Legrand. Em que sonhava elle? Que nova mania entraria n'aquelle cerebro esquentado! Que negocio de altissima importancia podia *elle* ter que tractar? O que Jupiter d'elle contára não presagiava nada bom; temia que a pressão continua do infortunio houvesse emfim transtornado de toda a razão do meu amigo. Sem vacillar um instante, preparei-me para acompanhar o preto.

Chegando ao caes, notei que no fundo do bote em que iamos embarcar estavam uma fouce e tres enxadas novas.

«Que significa isto, Jupiter? perguntei eu.

«Isto, senhor, são enxadas e uma fouce.

«Bem sei; mas que fazem ahi essas cousas?

«Amo Will mandou-me comprar na cidade fouce e enxadas para elle, e dei por ellas um dinheirão dos demonios.

«Mas, em nome de tudo que ha n'isto de mysterioso, dize-me: que é que teu amo quer fazer com fouces e enxadas?

«Isso é que eu não sei, e os diabos me levem se não estou convencido de que elle sabe tanto como eu. Mas tudo isto é obra do escaravelho.

Vendo que nenhuma explicação podia obter de Jupiter, cuja razão parecia estar absorvida pelo *escaravelho*, saltei para o bote e larguei a vela. Uma briza fresca e favoravel levou-n'os n'um instante á pequena enseada ao norte do forte Moultrie, e depois de um passeio de cêrca de duas milhas, avistámos a cabana. Seriam tres horas quando chegámos. Legrand esperava-nos com grande impaciencia. Apertou-me a mão com um *empressement* nervoso, que me assustou e reforçou as minhas suspeitas. O rosto apresentava uma pallidez cadaverica, e os olhos muito encovados brilhavam de um modo singular. Depois de me informar do seu estado de saude, não achando cousa melhor que dizer-lhe, perguntei-lhe se o tenente G... devolvera o *scarabaeus*.

«Pois, não! respondeu elle, córando muito; recebi-o logo no dia seguinte. Por cousa nenhuma d'esta vida eu me desfaria d'este *scarabaeus*. Sabe que Jupiter tinha toda a rasão no que dizia a respeito d'elle?

«Como? perguntei eu, com um triste presentimento no coração.

«Supponde que é um escaravelho de *ouro verdadeiro*. E disse isto com um ar tão profundamente sério que me causou uma impressão indescriptivel.

«Este escaravelho hade fazer a minha fortuna, continuou elle, com um sorriso triumphante; ha de restabelecer-me na posse dos meus bens de familia. Será pois de admirar que eu tanto o estime? Já que a Fortuna se dignou deparar-m'o, cumpre-me usar d'elle convenientemente, e heide chegar ao ouro de que elle é indicio. Jupiter, traze-me o *scarabaeus*.

«Que diz, o escaravelho? Eu não me entendo com esse escaravelho; o senhor sabe pegar-lhe melhor do que eu.

Então Legrand levantou se, com ar grave e cheio de dignidade, e foi buscar o escaravelho, que estava debaixo de uma manga de vidro.

Era um magnifico *scarabaeus*, ao tempo desconhecido dos naturalistas, e sem duvida de grande valor debaixo do ponto de vista scientifico. N'uma das extremidades do dorso tinha duas malhas pretas e redondas, e na outra extremidade uma terceira malha de fórma alongada. Os elytros eram extremamente duros e brilhantes, com toda a apparencia do ouro brunido. O insecto pezava extraordinariamente, e, considerando todas estas cousas, não podia rir-me da opinião do Jupiter; mas que Legrand concordasse com essa opinião, isso é que eu, por muito que vivesse, nunca poderia explicar.

«Mandei-o chamar, disse elle em tom emphatico, quando conclui o exame do escaravelho; mandei-o chamar para dar-me conselho e ajudar a cumprir os designios do Fado e do escaravelho...

«Meu caro Legrand, exclamei eu, interrompendo-o, com certeza não está bom, e não fazia mal em tomar algumas precauções. Vá-se deitar e eu por aqui me demorarei até que se ache restabelecido. Tem febre e...

«Tome-me o pulso, disse elle.

Tomei-lh'o, e, a falar a verdade, não achei o mais leve symptoma de febre.

«Mas póde muito bem estar doente e não ter febre. Permitta-me que eu agora faça de medico O meu amigo vae já para a cama; depois...

«Engana-se, interrompeu elle: estou melhor do que póde esperar-se do estado de excitação em que me acho. Se deseja realmente ver-me bom, ponha termo a esta excitação.

«E como?

«Muito facilmente. Eu e Jupiter vamos n'uma diligencia ás collinas, na terra firme, e precisamos do auxilio de uma pessoa em quem possamos confiar. Essa pessoa, unica, é o meu amigo. Quer o exito seja bom, quer seja mau, cessará immediatamente o estado da excitação em que me encontra.

«Tenho o maior desejo de o servir em tudo, repliquei; mas não me dirá se esse maldito escaravelho tem alguma relação com a sua diligencia ás collinas?

«Tem.

«N'esse caso, Legrand, não conte commigo, para uma cousa tão absurda.

«Sinto muito, muito; porque teremos que ir só os dois.

«Só os dois! (O homem está doudo decididamente!)—Mas socegue! Que tempo tenciona andar por lá?

«Provavelmente toda a noite. Vamos partir já e, em todo o caso, estaremos de volta ao amanhecer.

«E promette-me, sob a sua palavra de honra, que passado este capricho, e realisado a seu contento o negocio do escaravelho (valha-me Deus!) voltará para casa e seguirá á risca os meus conselhos, como se foram os do seu medico?

«Sim, senhor; prometto; e partamos, que não podemos perder tempo.

(Continua.) *Francisco de Almeida.*

RESENHA NOTICIOSA

Viagem Real. El-rei D. Luiz chegou a Madrid no dia 11. Era esperado na estação pelo infante D. Antonio, da casa real de Hespanha, ministerio, auctoridades civis e militares, corpo diplomatico e muito povo. A estação estava embandeirada com as bandeiras portugueza e hespanhola, e uma banda militar tocou o hymno real portuguez. El-rei foi muito victoriado, levantando-se vivas a Portugal e a Hespanha. Sua Magestade acompanhado pelo infante D. Antonio, seguiu da estação para o palacio real, em carroagem. Nas ruas do trajecto estava formada a guarnição militar de Madrid na força de 8:000 homens; todos os edificios publicos e muitas casas particulares existentes n'estas ruas, estavam adornadas de colchas, sanefas, e bandeiras, produzindo o melhor effeito. Sua Magestade a rainha regente de Hespanha esperava El-rei D. Luiz na escada do palacio. Houve em seguida recepção official que foi muito concorrida. A noite a estudantina *Figaro* tocou em o paço real na presença de Suas Magestades. No dia seguinte realisou-se uma grande caçada nos mattos da Casa de Campo, em honra de El-rei. Assistiram á caçada o infante D. Antonio e infanta D. Izabel, o sr. Sagasta, marquez de La Vega de Armijo, conde de Casal Ribeiro, etc. D. Luiz agraciou com o collar de Christo a Sua Alteza o infante D. Antonio. No palacio real houve um chá para que foram convidados todos os grandes da côrte; foi uma festa esplendida. No dia 13 Sua Magestade El-rei D. Luiz almoçou na legação portugueza, onde depois recebeu os comprimentos do corpo diplomatico e dos principaes membros da colonia portugueza. A noite houve no paço real um banquete de oitenta e dois talheres dado pela rainha regente em honra de El-rei D. Luiz. El-rei visitou varios estabelecimentos publicos e no domingo 14 do corrente passeou em carruagem com a rainha Christina pelas ruas de Madrid até ao Bom Retiro. As 9 horas da noite sahiu de Madrid no comboio real, acompanhado pelo sr. conde de Casal Ribeiro, tendo ido á estação despedir-se de Sua Magestade, o infante D. Antonio, o ministerio, corpo diplomatico, etc. No comboio real veiu até á fronteira o director das obras publicas e o engenheiro chefe dos caminhos de ferro de Madrid. El-rei chegou á estação de S.^ta Apolonia ás 6 horas da tarde do dia 15, acompanhado de Sua Alteza o Principe D. Carlos, que o tinha ido esperar a Elvas juntamente com o sr. presidente do conselho, ministro das obras publicas e ministro dos estrangeiros. Na estação aguardavam a chegada o sr. general Sá Carneiro, commandante da 1.ª divisão, generaes Furtado, Cunha e Moreira, contra-almirante Baptista de Andrade, Visconde de Paço d'Arcos e muitos officiaes de terra e mar. Duque de Palmella, marqueza do Funchal, marquezes de Sabugosa, d'Alvito e da Foz, condes de Ficalho, de Sabugosa, de Tarouca, d'Alte, de Franco, de Valenças, viscondes de Asseca, etc. Camara municipal, ministros, e muitos cavalheiros da nossa primeira sociedade. Estavam tambem presentes os srs. arcebispo de Mitylene e bispo-Conde. El-rei entrou na sala de recepção para receber os comprimentos, o que durou 20 minutos. A entrada e sahida da estação foram levantados vivas pelo presidente da camara, que foram enthusiasticamente correspondidos. Sua Magestade acompanhado por Sua Alteza o principe D. Carlos seguiu para a Sé, em carroagem, fazendo cortejo todas as pessoas que o tinham ido esperar. Nas ruas formava a guarnição de Lisboa, e na praça do Commercio estava a força de artilheria que deu as salvas do estylo. Na Sé foi entoado um *Te-Deum* em acção de graças pelo regresso de Sua Magestade ao reino. Terminado o *Te-Deum*, El-rei dirigiu-se para o palacio das Necessidades a visitar Sua Alteza o sr. Infante D. Augusto.

Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia e infante D. Affonso, depois de se terem demorado alguns dias em Monsa, partiram para Turim e d'esta cidade para Aix-les-Bains no dia 13 do corrente. No dia 15 chegaram a Genebra.

Enviados do rei do Congo. No paquete de Africa que aportou a Lisboa no dia 12, chegaram dois filhos do rei do Congo, D. Alvaro de Agua Rozado e D. Alvaro de Agua Rozado Junior, que vem expressamente a Portugal comprimentar El-rei D. Luiz. Acompanham-os o reverendo padre Barrozo, um verdadeiro benemerito das missões portuguezas em Africa.

JOSÉ GUBIAN ALLEN — Uma victima da raiva

(Segundo uma photographia de Afong)

Fallecimento. Falleceu no dia 9 do corrente o illustrado professor do Instituto Agricola, o sr. Joaquim Sabino Eleutherio de Souza. A sua falta é muito sentida como a de um professor competentissimo e a de um cavalheiro estimavel. Nasceu em Lisboa a 30 de dezembro de 1835. Foi estudante da antiga escola veterinaria e concluiu o curso no Instituto Agricola, tendo obtido sempre premios em todos os annos. Em 1859 foi nomeado chefe de clinica do hospital veterinario que então se estabeleceu no Instituto Agricola, e em 1863 foi ao concurso de lente da 6.ª e 7.ª cadeiras do Instituto, em que ficou provido. No congresso veterinario de Vienna d'Austria, em 1865, representou Portugal; foi enviado á exposição de Paris de 1878 como presidente da secção pecuaria. Era director do deposito hypico, e inspector do hospital veterinario, vice-presidente do conselho administrativo do mesmo hospital. Desempenhou muitas outras commissões officiaes sempre com distincção. Uma terrivel doença que o fez soffrer por muito tempo acabou por lhe tirar a vida, antes que lhe tirasse a lucidez do seu grande espirito. Descance em paz.

Casamento Principesco. Está justo o casamento do principe Guilherme Hohenzollern, filho primogenito do principe Leopoldo Hohenzollern e da infanta D. Antonia de Bragança, com a princeza Maria Thereza, filha do conde de Trani, já fallecido, e sobrinha da imperatriz d'Austria. A noiva nasceu a 15 de janeiro de 1867, tendo, portanto proximamente menos tres annos que o seu futuro esposo, que nasceu a 7 de março de 1864, no castello de Beuruth.

PUBLICAÇÕES

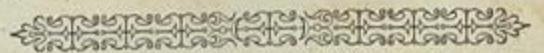
Recebemos e agradecemos:

A Festa das Creanças *commemoração da lei de 13 de Maio que aboliu a escravidão no Brazil.* Rio de Janeiro, 1888. Um vol. in-4.º de 200 pag. luxuosamente impresso, publicado pelo professorado primario do Rio de Janeiro, em commemoração da lei libertadora que acabou com a escravatura no Brazil. N'este livro dá-se conta da grande festival promovida pelos professores, a qual constou de um cortejo civico composto de todos os escolares das escolas primarias da côrte e uma *matinée*, realisada no theatro de S. Pedro, em que tomaram parte as creanças d'essas escolas, alguns professores e professoras, e o popular jornalista e orador José do Patrocinio. Os discursos e poesias recitados n'essa *matinée* formam o texto do livro, e n'elle se encontram producções de alto merecimento, inspiradas no grandioso facto da libertação dos escravos, a maior conquista e a maior gloria que o Brazil acaba de alcançar.

Catalogo *dos productos expostos por Alfredo de Brito, construidos nas suas officinas de instrumentos de precisão e apparelhos electricos, etc.* É muito importante na sua especialidade a exposição do sr. Brito, havendo entre os productos expostos alguns de sua invenção ou por elle modificados, conforme se conhece da leitura do catalogo. O sr. Brito é um dos industriaes mais intelligentes e activos que conhecemos na industria portugueza, e isto lhe tem permittido o desenvolver as suas officinas consideravelmente.

A Casa a Vapor por Julio Verne, traducção de Cunha e Sá. David Corazzi editor, Lisboa. 2 vol. primeira parte *A Chamma Errante*, segunda parte *A Resuscitada*. Estes dois volumes pertencem á edição economica feita pela casa Corazzi, das obras de Julio Verne tão populares no nosso paiz.

A Lei da Exautoração militar *a proposito da exautoração do alferes Marinho da Cruz*, por Augusto de Lacerda. Rodam Tavares editor, Estremoz. Um folheto de 20 pag. É um brado contra a lei de exautoração militar, uma poesia em alexandrinos.

Informações sobre o Congresso juridico de Lisboa. Um folheto de 16 pag. publicado pela commissão executiva do congresso. N'um praso relativamente breve, deverá reunir-se em Lisboa um Congresso Juridico, promovido pela Associação dos Advogados, sob proposta do socio sr. Tavares de Medeiros e protegido pelo governo portuguez. N'este congresso tomarão parte todos os jurisconsultos de Portugal e suas possessões, de Hespanha e da America-Latina. Cada um dos concorrentes poderá apresentar a sua these sobre direito publico ou privado, internacional ou não, as quaes serão mandadas imprimir e depois serão distribuidas aos congressistas, para serem estudadas e descutidas no congresso. As vantagens d'este congresso são faceis de calcular, desde que se estabelece uma discussão entre jurisconsultos abalisados, como é de esperar concorram ao congresso, e que essa discussão póde fazer muita luz na difficil sciencia do direito. Aquelles de nossos leitores a quem este assumpto mais de perto interesse, ficam prevenidos, se o não estiverem já, de que poderão dirigir as suas adhesões á commissão executiva do Congresso Juridico, na associação dos advogados em Lisboa.

Typ. Castro Irmão — Rua do Marechal Saldanha 31 — Lisboa